

A PERCEPÇÃO QUANTO À ABORDAGEM DAS TEMÁTICAS GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NO PROCESSO FORMATIVO DO PEDAGOGO/A¹

Thereza Raquel Cidreira Costa

Discente do Curso de Pedagogia

Universidade Federal do Maranhão – UFMA – therezaraquel_costa@hotmail.com

Jonas Alves da Silva Junior

Prof. Dr. do Depto. de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ – jonasjr@usp.br

Resumo

Este artigo discorre sobre a percepção de graduandos (as) do 9º período de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz-MA, quanto à abordagem das temáticas Gênero e Diversidade Sexual na escola. A presente pesquisa foi realizada durante a disciplina de Estudos Diversificados II e caracterizou-se como um relato de experiência, com sondagem exploratória e descritiva, sistematizando-se através do apoio bibliográfico e da análise do questionário respondido por 17 acadêmicos (as). Os resultados mostram que 94,0% são favoráveis ao ensino de conteúdos relacionados a gênero e sexualidade, 53,0% alegam não se sentirem preparados/as para abordar essas questões, 94,0% afirmaram que não foram orientados/as a lidar com essas questões, e nem lhes foi ofertado capacitação ou minicurso disponibilizado pela Universidade, envolvendo propostas pedagógicas e situações didáticas que contribuíssem para a sua prática docente. Diante do exposto, pretende-se reforçar a importância de problematizar os discursos de temas transversais nos espaços educacionais formativos.

Palavras-chaves: Gênero. Diversidade Sexual. Formação de Professores. Educação.

1. INTRODUÇÃO

¹ A proposta desta pesquisa surgiu durante estudos dos *Cadernos SECAD/MEC* na Disciplina Obrigatória de Estudos Diversificados II, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, campus de Imperatriz – MA. Os Cadernos Secad foram concebidos para cumprir a função de documentar as políticas públicas da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. O conteúdo é essencialmente informativo e formativo, compreende as bases – históricas, conceituais, organizacionais e legais – que fundamentam, explicam e justificam o conjunto de programas, projetos e atividades que coletivamente compõem a política posta em andamento pela Secad/MEC a partir de 2004. Sendo direcionado a gestores, professores e profissionais da educação que atuam nos Sistemas de Ensino e a parceiros institucionais, tais como o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e demais organizações com as quais a Secad/MEC interage para consolidar suas ações. Suas informações são úteis e contemplam os temas que compreendem as questões da diversidade – etnicorraciais, de gênero e diversidade sexual, geracionais, regionais e culturais, bem como os direitos humanos e a educação ambiental, analisados do ponto de vista da sustentabilidade e da inclusão social por meio de uma educação que seja efetivamente para todos, de qualidade e ao longo de toda a vida.

As abordagens das temáticas Gênero e Diversidade Sexual na escola independente da faixa etária dos alunos, bem como do nível que estão cursando e apresentam-se como tarefas bastante complexas para a maioria dos profissionais que atuam na educação. No caso dos sujeitos que ainda estão em processo de formação na Universidade, esse dilema se mostra um grande desafio. Sem a experiência necessária e a prática da sala de aula, aliada à escassez de propostas de trabalho pedagógico-didáticas de temas transversais durante sua formação acadêmica, faz com que a problematização e a (des)construção dos discursos sobre gênero e sexualidade na escola, possivelmente e legalmente amparada para ser realizada por esses profissionais da educação, recolham-se à responsabilidade da esfera familiar e privada de cada indivíduo.

A proposta dessa pesquisa aqui relatada surgiu mediante as inquietações e dúvidas dos acadêmicos (as) do nono período de Pedagogia da UFMA, campus de Imperatriz, ao elaborarem a proposta de um seminário durante a disciplina obrigatória de Estudos Diversificados II, onde foi debatido o tema Gênero e Diversidade Sexual na Escola. Na ocasião foi usado como instrumento didático o *Caderno 4 da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC/Brasília, 2007)*, como orientação de estudo, indicado pelo professor da disciplina.

Durante as reuniões de estudo do grupo para os ajustes na apresentação do trabalho com a turma, algumas questões foram levantadas em relação a “melhor maneira de abordar a temática, visto que se trata de assunto complexo e considerado um tabu, mesmo no meio acadêmico”. Se no percurso da formação superior na Universidade os acadêmicos (as) não vivenciaram situações problemas relacionados à teoria e prática em sala de aula com questões de gênero e diversidade sexual, como esperamos que seus alunos sejam bem esclarecidos/orientados em relação à sua afetividade/sexualidade perante a sociedade?

Segundo Junqueira (2010, p. 211) “para que a escola e o currículo se constituam – como pretendemos – em espaços efetivamente pedagógicos e de formação para a vida, cidadania e a liberdade, seria importante nos interrogamos constantemente sobre fatores, discursos e práticas que ainda a levam a ser diferente disso”. Nesse sentido, reforça-se a hipótese pressuposta de que o ambiente educacional (re)produz sistematicamente as vivências positivas e negativas dos seus sujeitos protagonistas, como um ciclo vicioso, o aluno (a) de hoje pode ser o professor (a) de amanhã.

O estudo do caderno Secad/MEC Brasília foi de grande relevância e possibilitou aos acadêmicos (as) aprofundar seus conhecimentos, compreendendo as bases – históricas, conceituais, organizacionais e legais – que fundamentam, explicam e justificam o conjunto de programas,

projetos e atividades que coletivamente compõem a política posta em andamento pela Secad/MEC a partir de 2004. Porém, nessa edição de 2007, não disponibilizava para o leitor propostas de atividades pedagógicas com situações didáticas, caracterizando-se mais como informativo na implementação de projetos e seus resultados alcançados. Essas propostas com situações didáticas tornam-se um elemento essencial para a prática docente de conteúdos com temas transversais, porque norteiam as ações dos profissionais da educação através de exemplos e sugestões de atividades pré-elaboradas e adequadas para serem executadas com os alunos, e mesmo que elas não sejam seguidas ao pé da letra pelos docentes, servem de inspiração na criação de novas ideias de se trabalhar as questões de Gênero e Diversidade Sexual na escola, ficando a critério do professor adequá-las.

Um dos pontos que mais causou dúvida entre os acadêmicos (as) durante a elaboração do seminário foi trazer para a turma, não só o marco conceitual e legal que fundamentam o ensino de temas como Gênero e Diversidade Sexual na escola, como também contribuir com sugestões didáticas de forma a facilitar o trabalho pedagógico na diversidade dos sujeitos participativos no contexto escolar, mostrando recursos acessíveis para serem utilizados no dia a dia na escola. Para isso foi sugerido à turma, ao final do seminário, outro material também da Secad/MEC, o *Caderno de Atividades, Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009, que também se constitui como instrumento para as/os profissionais da educação no trato da diversidade de gênero, étnico-racial, sexualidade e orientação sexual na escola, com sugestões de diversas atividades que priorizam a transversalidade das temáticas e dos conteúdos curriculares. Trata-se, assim, de orientações para que a/o professora/o construa ambiente favorável à diversidade em todas as suas facetas e estructure de forma permanente uma pedagogia da diversidade.

Diante das dificuldades dos profissionais da educação em tratar temas relacionados a Gênero e Diversidade Sexual na escola, bem como, a escassez de propostas pedagógicas curriculares que tragam para o contexto da Universidade o debate sobre esses assuntos e uma didática que dê subsídio à prática docente dos graduandos de pedagogia, objetivou-se a realização desta pesquisa para que fossem externados os discursos desses sujeitos durante o seu processo de formação. A relevância deste estudo reside na importância que os espaços públicos de formação como a escola e a universidade reforçam, estruturam e interdisciplinam o trabalho pedagógico na diversidade dos sujeitos, contribuindo para a pedagogia da diversidade voltada para o respeito, reconhecimento e valorização das diferenças individuais e coletivas em uma sociedade democrática e pluralista.

2. REVISÃO DA LITERATURA

As inquietações relacionadas à construção de sujeitos e de relações entre sujeitos munidos de corpos, gêneros e sexos sempre existiram no sistema escolar e nas políticas públicas da educação brasileira, ainda que de forma diferente, avessa, torta. Mesmo com os entraves que tradicionalmente convergiam e que ainda convergem na atualidade, tais preocupações caminham com objetivo de transformar o ambiente escolar em um espaço de normatização, disciplinamento e ajustamento heteronormativo de corpos, mentes, identidades e sexualidades (SECAD/MEC, 2007).

De acordo com as informações do caderno Secad/MEC, a crescente visibilidade dada a essas questões transversais da educação colocam sobre apreensão e destaque as concepções curriculares hegemônicas que visam converter rotinas escolares, problematizar lógicas reprodutoras de desigualdades e opressão. No cenário geral político da sociedade, em específico no campo educacional, ainda esta em fase inicial de edificação e mesmo que no passado tais assuntos tenham encontrado resistência, na contemporaneidade os temas também não têm sido abordados de maneira simultânea, uniforme e com ênfase.

A escola caracterizando-se como o primeiro ambiente social participativo do indivíduo, depois da sua família, não pode restringir a abordagem dessas temáticas apenas ao lecionar anatomia e fisiologia do corpo humano em ciências, como no ensino fundamental, nem tão pouco realizar uma palestra por ano no ensino médio, ou delegar a responsabilidade aos pais e vice e versa, acredita-se essas não serem as melhores opções de ensinar o educando, principalmente em um contexto social de propagação rápida e gigantesca de informações como a mídia, a internet e as redes sociais como whatsapp e facebook. Para Louro (2011, p. 68), “a prática das instituições oficiais de educação em dedicar um dia, ou um momento especial para a “inclusão” daqueles que estão fora dos currículos e livros didáticos, mantém a lógica “separatista”, afirma a autora”.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada no mês de agosto de 2016 durante a disciplina de Estudos Diversificados II, caracterizou-se como um relato de experiência, com sondagem exploratória e descritiva, sistematizando-se através do apoio bibliográfico e da análise do questionário, respondido por 17 acadêmicos (as) do nono período noturno do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, campus de Imperatriz-MA. O questionário pré-estruturado continha questões fechadas com opções de respostas *sim* ou *não*, elaboradas e adaptadas de forma a obter os dados iniciais de identificação dos discentes e aspectos relacionados à sua percepção quanto à abordagem das temáticas Gênero e Diversidade Sexual na escola. Além disso, antes da pesquisa foi obtida a

autorização comprovada através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos discentes. A análise dos resultados baseou-se na fundamentação teórica da pesquisa bibliográfica, e nos dados obtidos através do questionário respondido pelos discentes, que foram tabulados de forma a organizar e trabalhar as informações coletadas, para serem disponibilizadas e confrontadas com outras realidades disponíveis nos meios acadêmicos e sociedade em geral.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa mostraram nos dados coletados inicialmente sobre a identificação dos respondentes que 88,0% são do sexo feminino. O total investigado encontra-se na faixa etária entre 20 e 55 anos, com representatividade de crença de 47,0% de evangélicos, 35,0% católicos, 12,0% espíritas e 6,0% declararam ter outra religião; 88,0% cursam sua primeira graduação. Quanto à atuação como professores/as, 76,0% afirmaram ainda não exercer o magistério, o discurso de uma respondente da pesquisa relata: *“apesar de ainda não atuar no magistério, presenciei discriminação durante o estágio”*. 94,0% dos sujeitos pesquisados são a favor do trabalho de conteúdos relacionados a gênero e sexualidade na escola. Ao serem questionados sobre o seu sentimento e preparo para falar sobre as temáticas com seus alunos/as, 53,0% alegam não se sentirem a vontade e nem preparados/as para abordar essas questões na escola, a esse respeito uma das pesquisadas relata: *“me sinto a vontade pra falar, mas não preparada”* conclui. 35,0% não responderam a esse questionamento.

Segundo Louro (2011, p. 63) “os diálogos sobre essas questões são muito importantes para quem lida, cotidianamente, com crianças e adolescentes, quem se vê desafiado a acolher e dar encaminhamento às dúvidas, às perguntas constantes dessas crianças e jovens”.

Um dos dados coletados mais importantes que nortearam esta pesquisa esteve relacionado à abordagem dentro da Universidade do trabalho pedagógico na diversidade dos sujeitos, com os temas Gênero e Diversidade Sexual na escola, sendo esse um dos temas transversais de extrema importância para o currículo acadêmico dos graduandos de pedagogia em formação. Diante disso, 94,0% dos respondentes afirmaram que em nenhum momento durante a sua formação acadêmica, eles/as foram orientados/as a como lidar com questões relativas ao tema na escola, nem tampouco lhes foi oferecido algum tipo de treinamento, formação, capacitação ou minicurso oferecido pela Universidade, envolvendo propostas pedagógicas e situações didáticas que contribuíssem para a sua prática docente.

5. CONCLUSÕES

É inegável a importância de se discutir questões de Gênero e Sexualidade nos espaços formativos oficiais de educação, sejam eles a nível fundamental, médio ou superior, esses são assuntos que despertam e fascinam muitas pessoas, tem uma grande quantidade de bibliografias a respeito e esta em toda parte que olhamos, pois somos corpos e mentes em uma imensidão de possibilidades latentes de vivências. Porém expor o seu discurso sobre essas questões nem sempre é uma tarefa fácil, pois frequentemente possibilita discussões instigantes entre os sujeitos, principalmente no que se refere aos profissionais de educação. E em relação a isso, concordamos com Soares (2013, p. 99), pois “o problema não é o diferente nem a diferença, mas a norma ou tentativa de normatizar, classificar e enquadrar as diversas singularidades para assim atribuir valor positivo ou negativo aos múltiplos modos de existência”. Quando não se dispõe de preparo e formação adequada para encarar o cotidiano escolar e suas múltiplas facetas, fica muito complicado para os educadores/as enfrentarem as realidades do magistério, o que acaba por causar desmotivação e o abandono à profissão. O ocultamento ou silenciamento dessas questões no currículo formativo do pedagogo/a reflete diretamente na qualidade da educação oferecida as crianças e jovens, já que gênero e sexualidade esta intrinsecamente ligada à ciência humana.

REFERÊNCIAS

- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Revista Espaço do Currículo**, v. 2, n. 2, 2010.
- LOURO, Guacira L. Educação e Docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 4, n. 4, p. 62-70, jan/jul. 2011.
- SOARES, Maria da Conceição Silva. A produção da diferença no cotidiano das escolas: currículo, representação, significação e devir. In: RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. **Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas** (Orgs). Vitória, ES: Edufes, 2013.
- SECAD/MEC, Caderno 4. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2007.
- SECAD/MEC, Cadernos de Atividades. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Caderno de atividades. Rio de Janeiro : CEPESC, 2009. 226 p. ISBN 978-85-89737-13-5